

## **O PERDÃO NA RESTAURAÇÃO DE RELACIONAMENTOS**

### **FORGIVENESS IN RESTORATION OF RELATIONSHIPS**

*Erich Luiz Leidner<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Quando uma pessoa toma a decisão por Cristo Jesus, além de receber o dom do Espírito Santo, ela é inserida na comunidade eclesial local. A percepção inicial é que, assim como ela mesma, as demais pessoas não são perfeitas, cometem pecados e causam feridas. Se estas situações não são bem tratadas podem culminar no rompimento de relacionamentos e, em última instância, na cisão da Igreja local. Portanto, reconhecer as próprias faltas e imperfeições diante da graça de Deus manifestada em Jesus Cristo leva ao arrependimento, que após a confissão possibilita o perdão recíproco. Este é o caminho para a restauração e manutenção de um ambiente saudável e harmonioso na igreja local, levando os crentes ao desenvolvimento na santificação.

**Palavras-chaves:** Relacionamento. Perdão. Unidade. Igreja.

#### **ABSTRACT**

When a person makes a decision for Christ Jesus, in addition to receiving the gift of the Holy Spirit, he is inserted in the church community. The initial perception is that, like himself, people are not perfect, commit sins and hurt others. If these situations are not handled well, they can culminate in the disruption of relationships

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Pós-Graduado (*lato sensu*) em Teologia pela FACEL de Curitiba. Mestrando em Teologia (Profissional) pela Faculdades Batista do Paraná. Professor e capelão da Faculdade Batista Pioneira de Ijuí. E-mail: [elleidner@pioneira.org.br](mailto:elleidner@pioneira.org.br)

and can lead to the division of the local church. Therefore, recognizing one's own faults and imperfections before the grace of God manifested in Jesus Christ which leads to repentance, and that after the confession; this enables mutual and reciprocal forgiveness. This is the way for the restoration and maintenance of a healthy and harmonious environment in the church community, leading to the development of believers in sanctification.

**Keywords:** Relationship. Forgiveness. Unity. Church.

## INTRODUÇÃO

Ao ter assumido o pastorado em uma Igreja que há pouco passara por uma experiência de ruptura, tendo um grupo de irmãos saído e formado uma nova igreja, não demorou muito para perceber o quanto as feridas causadas por relacionamentos rompidos são profundas e difíceis de serem tratadas. Os relacionamentos feridos não apenas por irmãos da igreja, mas inclusive entre familiares, deixaram marcas que levaram tempo para cicatrizar. Ainda não tinham passado seis meses da posse no pastorado quando foi aventada pela primeira vez a necessidade de se tratar a questão de perdoar aos irmãos que haviam se retirado após os incidentes causados, diga-se de passagem, por ambos os lados. A reação a esta possibilidade trouxe um mal-estar enorme. Não era possível cogitar tal fato. Perdoar? Como? Iniciava ali um longo processo de tratamento visando a cura e a saúde da Igreja, a fim de que esta pudesse novamente crescer e se desenvolver de forma saudável.

O presente artigo mostrará alguns passos importantes para a compreensão e a posterior aplicação do perdão na vida da Igreja. Inicialmente, mostrará que o próprio Deus é o maior interessado em perdoar o ser humano, chamando-o para dentro do Seu Reino, a Igreja. Depois, será exposta a compreensão do mal que o pecado causa na igreja e que quando não tratado se torna motivo para estagnação da vida eclesiástica. Em seguida será mostrado o valor do perdão e como aplicá-lo para a edificação da Igreja e o viver saudável do crente. O objetivo é demonstrar que com a prática do perdão o evangelho tem um alcance mais profundo junto à sociedade na qual a igreja está inserida.

## 1. CONCEITOS DE RELACIONAMENTO NA IGREJA LOCAL

Aparentemente pode dar a impressão de repetir algo já sabido no meio cristão, que trata da entrada de uma pessoa para a Igreja. São muitos os conceitos apregoados; quanto mais longa a história de uma igreja, mais enraizadas estão as visões distorcidas

a respeito. É digno de citação dois episódios vividos ao longo do ministério pastoral. O primeiro deu-se durante uma semana, na época denominada de “evangelística”; aquela na qual um pregador, com dons evangelísticos, era convidado a fim de trazer mensagens que desafiassem para a entrega da vida a Jesus Cristo. Após o culto do terceiro dia, um membro da Igreja já com certa idade interrogou a respeito do que estaria acontecendo com o seu neto, uma vez que já tinha dez anos de idade, ocorreram três cultos evangelísticos e apelos, mas ele ainda não havia se dirigido para a frente quando as pessoas eram desafiadas a se converterem. Não foi uma empreitada muito simples explicar a este ancião que entregar a vida a Jesus depende de uma decisão pessoal e não de certa idade. O conceito que estava impregnado nele era de que quando a criança chega a esta idade da pré-adolescência, sendo filho de membro de igreja, o que tinha a fazer era levantar a mão, ir à frente, participar de alguns encontros de estudos bíblicos e, por fim, ser batizado. Com isto, toda a vida espiritual estaria resolvida. Para contentamento do avô e de toda a Igreja, o rapaz entregou a sua vida a Jesus anos mais tarde e continua servindo a seu Senhor e à Igreja.

Um segundo fato envolveu os jovens da Igreja, justamente num momento em que a conscientização deles para uma vida de compromisso com o Senhor Jesus havia se tornado prática comum entre eles. Como resultado disto, convidavam amigos, colegas e vizinhos para as atividades do grupo de jovens, tendo vários destes entregue sua vida a Jesus. Neste contexto, em um domingo ensolarado, com o pátio da Igreja repleto de jovens, um irmão da Igreja se expressa da seguinte forma: “Pastor, precisamos tomar algumas medidas, tem muita gente estranha no pátio da Igreja!” Ouvir estas palavras foi algo muito forte, como uma punhalada em todos os esforços de testemunho, evangelismo e conquista de vidas para o Reino de Deus. Como a sugestão não foi levada adiante, os jovens continuaram firmes no seu empenho e trabalho para o Senhor.

### 1.1 A vinda para a Igreja

As experiências de ministério concederiam outros fatos que demonstram o quanto de distorções existem na compreensão do modo como chegar ao próprio Senhor Jesus e conseqüentemente à vivência na Igreja. A compreensão correta destes princípios dará luz sobre o restante do tema abordado neste artigo.

Jesus, enquanto em seu ministério terreno, ao ensinar as pessoas que o cercavam, desafiava as mesmas a segui-lo, ou não. Vê-se isto em João, quando o Senhor Jesus chama a atenção de seus seguidores, levantando as razões por que estavam com ele,

questionando inclusive os seus discípulos, dizendo: “Vós também quereis retirar-vos?” (João 6.67). Fritz Rienecker, comentando a Parábola das Dez Virgens (capítulo 25 do Evangelho de Mateus), expressa assim a questão: “De novo vemos o sagrado ‘ou - ou’ da Escritura! Não existe um grupo intermediário”.<sup>2</sup> Estes são alguns argumentos que demonstram a seriedade que é o fato de fazer parte de uma Igreja local. Entrar para o Corpo de Cristo necessita ter em mente as consequências desta decisão. Com isto sendo bem definido e esclarecido, o membro da Igreja terá o claro entendimento de seu compromisso com este Corpo, ou seja, colaborar para que o mesmo seja edificado, preservado e a missão cumprida. Não é o propósito aqui apresentar o plano de salvação de Deus para o ser humano, apenas fazer constar que fazer parte da Igreja requer uma decisão, e que esta afeta todo o comportamento do “novo” ser humano, agora sob a soberania de Cristo Jesus. Esta nova vida, como é comumente descrita, tem sua base no perdão dos pecados. João expressa esta verdade da seguinte forma: “Filhinhos, eu vos escrevo porque os vossos pecados são perdoados por amor do seu nome” (1 João 2.12).

## 1.2 Prerrogativas para a permanência

Uma vez inserida no Corpo de Cristo, a Igreja - neste caso mais específico, a Igreja local - a pessoa faz parte desta comunidade, cujos padrões de vida e éticos são a Palavra de Deus. A principal referência deste procedimento é o amor. “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13.34). Estas palavras do próprio Senhor Jesus são o fundamento. O apóstolo Paulo, orientando os crentes de Éfeso, coloca a forma prática deste amor nos relacionamentos no seio da igreja como segue:

Se é que de fato o ouvistes, nele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus, a vos despir do velho homem, do vosso procedimento anterior, que se corrompe pelos desejos maus e enganadores, e a vos renovar no espírito da vossa mente, e a vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade. Por isso, abandonai a mentira, e cada um fale a verdade com seu próximo, pois somos membros uns dos outros. Quando sentirdes raiva, não pequeis; e não conserveis a vossa raiva até o pôr do sol; nem deis lugar ao Diabo. Aquele que roubava, não roube mais; pelo contrário, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com quem está passando necessidade. Não saia da vossa boca

<sup>2</sup>RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Curitiba: Esperança, 1998. p. 264.

nenhuma palavra que cause destruição, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que transmita graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com o qual fostes selados para o dia da redenção. Toda amargura, cólera, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade. Pelo contrário, sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoados uns aos outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo (Efésios 4.21-32).

Viver sob estes princípios exige de cada crente a percepção de que não vive sozinho a relação com Cristo, mas que os seus atos e atitudes influenciam diretamente a vida tanto dos outros como da comunidade em geral. Em razão disto, a consciência desta vida em comunidade levará ao relacionamento digno da vocação do cristão, conforme o apóstolo Paulo o expressa: “Exortando-vos, consolando-vos e insistindo em que vivésseis de modo digno de Deus, que vos chamou para o seu reino e glória” (1 Tessalonicenses 2.12).

Para que o amor entre os membros da Igreja floresça, a ponto de haver harmonia e relacionamentos saudáveis, deve-se abster do pensamento que coloca a perfeição como condição de vida. O argumento do Dr. Martin Lloyd-Jones auxilia na compreensão disto, quando diz: “Nossa perspectiva em relação ao mundo e seu estilo de vida mudou completamente. Não é que não temos mais pecado, nem que somos perfeitos, mas sim que demos cabo àquele estilo de vida”.<sup>3</sup> Amor significa exatamente isto: reconhecer que pessoalmente não se é perfeito, nem o outro o é, e não pensar que apenas o outro tenha pecados. Christian Schwartz o expressa assim: “Nós, os cristãos, nos inclinamos a justificar a nossa moralidade com tal intensidade, com a atitude de rechassar (*sic*) e ao mesmo tempo apontar todo tipo de imoralidade”,<sup>4</sup> continuando depois:

Apenas iremos começar a amar, quando reconhecemos o outro em nós mesmos: o terrorista, o infiel, o que pratica o aborto. O grande perigo, quando a nossa própria moralidade é expressa pela rejeição da imoralidade, é o seguinte: classificamos as pessoas em dois grupos - os bons e os maus - e nos vemos naturalmente no lado dos bons, enquanto nos distanciamos tanto interiormente como externamente do outro.<sup>5</sup>

Percebe-se que o viver em comunidade e estar envolvido com a Igreja local demanda que o relacionamento seja compreendido a partir da prática do amor, e isto pressupõe aceitar as limitações do outro, do mesmo modo que são percebidas as suas

<sup>3</sup>MACARTHUR JR, John. *Sociedade sem pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 117.

<sup>4</sup>SCHWARZ, Christian. *Der Liebe-Lern-Prozes*. Emmelsbull (Alemanha): C&P Verlag, 1993. p. 53.

<sup>5</sup>SCHWARZ, 1993, p. 53. Tradução livre pelo autor do artigo.

próprias. Em não sendo assim, há ruptura de relacionamentos culminando em cisões da própria Igreja. Argumentando contra esta ideia de perfeição, MacArthur Jr. diz:

A história da Igreja está manchada com exemplos de divisões e facções que ensinaram várias versões de perfeccionismo cristão. Todo perfeccionista inevitavelmente encara face a face a clara e empírica evidência de que os vestígios do pecado permanecem na carne e perturbam até os cristãos mais espirituais, por toda vida.<sup>6</sup>

Portanto, reconhece-se que mesmo havendo sido salvos por Cristo, o fazer parte do Corpo exige uma constante observação, na prática, de princípios que resultam em relacionamentos saudáveis e adequados para o cristão, reconhecendo que ainda persiste a possibilidade de eventualmente um falhar com o outro.

### 1.3 Cristo, o Cabeça - a Igreja, o Corpo

Uma vez salvos e fazendo parte da Igreja, os cristãos têm o seu relacionamento baseado no relacionamento do próprio Jesus Cristo com Deus o Pai. O texto bíblico que mais enfatiza esta relação está em João 17. Neste capítulo do Evangelho encontra-se a oração de Jesus conhecida como sacerdotal. Ela ocorre durante a celebração da Páscoa com os seus discípulos, antes de Cristo ser julgado e crucificado. Um momento muito oportuno para demonstrar aos discípulos a importância do relacionamento, bem como a dimensão deste para dentro da Igreja.

A parte do capítulo que se relaciona ao presente estudo envolve os versículos 20 e 21: “E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que virão a crer em mim pela palavra deles, para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”.

A ênfase recai sobre a expressão “para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti”. A doutrina da Trindade explica a união entre o Pai e o Filho, e esta relação é a que também esclarece o relacionamento da Igreja com o seu Senhor.

A questão que se levanta é exatamente a que explica esta relação, ou seja, como esta unidade se concretiza. Barclay faz a seguinte observação:

Não se trata aqui de uma unidade de administração ou organizacional, e de maneira nenhuma está em questão uma unidade eclesial, arranjada de qualquer forma, mas uma unidade na esfera do relacionamento pessoal. [...] A unidade entre Jesus e Deus é baseada unicamente no amor e na obediência. Jesus orou pela unidade no amor de Deus.<sup>7</sup>

<sup>6</sup>MACARTHUR JR, 2002, p. 118.

<sup>7</sup>BARCLAY, William. *Johannes Evangelium*. Wuppertal: AUSAAT Verlag, 1970. p. 267-268.

De forma semelhante, de Boor também comenta a unidade da Igreja com Jesus e o Pai:

Jesus não está levando em conta a unidade organizacional, que pode ser mantida por meio de ações autoritárias. Mas também não é uma unidade numa mesma ideia, ou de uma decisão por unanimidade. A unidade pela qual Jesus ora tem a sua base na unidade do Pai e do Filho, no Espírito Santo. Ela é marcada por sua liberdade e plenitude na decisão clara e consciente da manutenção das diferenças.<sup>8</sup>

E continua logo depois:

‘Eu e o Pai somos um’ Jesus pode dizer (João 10:30). E ainda assim o Filho permanece como o que espera, o que pede e o que obedece, o Pai como o que envia, o que ordena, o que atende e o que dá. Porém, é exatamente nestas diferenças que vive o amor, que une Pai e Filho. Assim Jesus quer a unidade de sua Igreja.<sup>9</sup>

Para em seguida dizer: “Jesus acrescenta uma expressão curta mas decisiva, a palavra ‘em nós’. Os discípulos jamais terão esta unidade em si mesmos, na força de sua comunhão ou no seu relacionamento pessoal. Somente ‘em nós’, como ramos na videira, eles terão entre si a unidade. Somente assim a terão de fato”.<sup>10</sup>

Para Bultmann a unidade tem uma visão ainda mais elevada, quando declara que “nos discípulos se evidencia o que Jesus é”.<sup>11</sup> Ou seja, a Igreja é o retrato de Jesus para o mundo.

O questionamento que o autor faz é como isto é possível, uma vez que a Igreja não pode se retirar do mundo. A resposta é dada pela sua afirmação que a “situação da Igreja é que no seu estado de comunhão no mundo se evidencia pelo seu desaparego do mundo, e isto por meio da santificação”.<sup>12</sup> E termina dizendo que “se a existência da Igreja depende de sua permanência na pureza, isto é, que seu significado e essência não vêm do mundo, mas os recebe de cima e os conserva, assim consiste de sua essência a unidade”.<sup>13</sup>

Assim posto, é do caráter da Igreja buscar a santidade que Jesus viveu e evidenciou durante o seu ministério aqui na terra. Sendo a Igreja o reflexo de seu Senhor, o mundo conhecerá que a Igreja segue e obedece a Jesus, como Ele obedeceu em tudo ao Pai por meio de sua obediência e cumprimento da missão recebida.

<sup>8</sup> BOOR, Werner de. *Das Evangelium des Johannes*. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1977. p. 170-171.

<sup>9</sup> BOOR, 1977, p. 171.

<sup>10</sup> BOOR, 1977, p. 171.

<sup>11</sup> BULTMANN, 1978, p. 383.

<sup>12</sup> BULTMANN, 1978, p. 384.

<sup>13</sup> BULTMANN, 1978, p. 385.

## 2. CONCEITO DE PECADO COM VISTAS AO RELACIONAMENTO

A Igreja é um ambiente de relacionamentos. Todo aquele que decide viver em Igreja deve ter esta verdade muito clara diante de si. Collins descreve isto da seguinte maneira:

O cristianismo é uma religião de relacionamentos. Seu fundador é o Deus do amor, e o amor é a sua característica mais marcante. Mas esse amor não é uma afeição sentimental e açucarada, mas sim um sentimento poderoso, de sacrifício e entrega, que apresenta as características de I Coríntios 13 e reflete o amor de Deus, que enviou o seu filho para morrer pelos homens, num mundo pecaminoso. A igreja está falhando em seu dever quando não prega e não pratica este amor tão central na mensagem cristã. Sempre que essa mensagem é pregada e praticada, as tensões interpessoais são reduzidas.<sup>14</sup>

O que leva, então, uma comunidade cristã a vivenciar tantos fatos de quebra de relacionamentos? O que motiva esta falta de harmonia e paz na igreja? As respostas a estas questões ajudarão a estabelecer padrões de vivência na comunidade eclesial.

### 2.1 Relacionamento com Deus e as pessoas

No capítulo três do livro de Gênesis há um versículo que ao mesmo tempo em que relata algo extremamente glorioso na sua continuação traz a situação catastrófica do ser humano diante de Deus. Em Gênesis 3.8 se lê: “Ao ouvirem a voz do SENHOR Deus, que andava pelo jardim no final da tarde, o homem e sua mulher esconderam-se da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim”. Até então o Criador vinha mantendo a sua comunhão diária com o homem. Falava com o ser humano, interagia, num nível de relacionamento saudável e transparente. Foi isto que Deus, ao criar o homem, tencionava. O homem repentinamente se percebe desnudado diante daquele que é o Todo-poderoso, e diante de quem aventais de folhas não escondem o que de fato é. Neste episódio da queda resulta a ruptura do relacionamento. A serpente e o solo são amaldiçoados, o ser humano sofre castigo do mal cometido. “Um castigado, porém, pode experimentar a graça”.<sup>15</sup> Isto será o tema mais adiante.

Pelo fato de Deus ser amor, e para amar ser necessário alguém para compartilhar este amor, o ser humano continua para sempre o contraposto, que recebe este amor de Deus. Tanto isto é verdade que a história bíblica termina relatando a comunhão de Deus com seus amados. Em Apocalipse 21.3-5 se lê:

<sup>14</sup> COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 285.

<sup>15</sup> BRÄUMER, Hansjörg. *Das Erste Buch Mose*. Wuppertal: Brockhaus Verlag, 1983. v. I, p. 90.



E ouvi uma forte voz, que vinha do trono e dizia: O tabernáculo de Deus está entre os homens, pois habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram. O que estava assentado sobre o trono disse: Eu faço novas todas as coisas!

Entre o Éden e a Nova Jerusalém acontece a história da redenção, a realização da conquista amorosa de Deus para com o homem; a tentativa de reatar o relacionamento entre Deus mesmo e o ser humano.

Durante o ministério de Jesus, todos os seus ensinamentos sempre visavam a comunhão de Deus com o homem, e este com o seu semelhante. Em João 14.1-3 está registrado: “Não se perturbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vos teria dito; pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim, para que onde eu estiver estejais vós também”. A missão do Mestre foi por meio de sua vida refazer o que no Éden havia sido destruído. A partir desta relação refeita é possível refazer o relacionamento entre os semelhantes. Ainda no início de seu ministério Jesus coloca as bases deste relacionamento interpessoal, em seu Sermão da Montanha, registrado em Mateus 6.43-45: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está no céu; porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos”. Este princípio, quando percebido à luz do Éden e do Apocalipse, não deixa dúvidas quanto é elevado o grau de importância dado por Jesus ao relacionamento interpessoal, em especial aplicado à Igreja.

Em diferentes passagens o apóstolo Paulo orienta e ensina aos fiéis a necessidade de haver na Igreja um relacionamento saudável. Porém, é com o seu próprio exemplo que ele mostra o padrão que ele mesmo teve neste quesito. Em 2 Coríntios 6.6 se lê: “em pureza, em conhecimento, em paciência, em bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido”. Não apenas uma aparente forma de demonstração, mas um amor que vem do íntimo, por isso, sem fingimento.

O apóstolo Pedro, de igual modo, exorta os crentes neste padrão, ressaltando que o mesmo é consequência do que Jesus realizou em favor do seu povo. 1 Pedro 1.22 registra: “Assim, já que tendes a vossa vida purificada pela obediência à verdade que leva ao amor fraternal não fingido, amai uns aos outros de todo coração”.

Considerando os aspectos acima, percebe-se que o padrão é de fato elevado, mas mesmo assim tangível na medida em que há dedicação para tal. O amor de Deus em cada crente impulsiona a amar o outro. Lloyd-Jones expressa assim:

O que impeliu Deus foi o seu próprio eterno coração amoroso, que não se deixa comover por qualquer motivo fora dele mesmo. Esse amor gera os seus próprios movimentos e atividades - é um amor totalmente desinteressado. Esse é um princípio tremendamente importante, porquanto, conforme ensinou o Senhor Jesus, essa é a forma de amor que devemos ter e manifestar para com as outras pessoas.<sup>16</sup>

O que impede então este princípio de ser praticado? O que se interpõe nos relacionamentos?

## 2.2 O que leva à quebra de relacionamentos

A compreensão do que desfaz relacionamentos está novamente na história da queda registrada no início do livro do Gênesis. O padrão de Deus para os relacionamentos permanece inalterado. Porém, o que interfere é a consequência do pecado a partir do Éden. É relevante constatar que na atualidade há uma certa resistência em determinar que os problemas de relacionamento, e outros, sejam considerados pecado. Isto leva a uma atitude errada, que não trata o problema na sua raiz. MacArthur afirma:

A triste verdade é que o tratamento do pecado como doença é desastrosamente contraproducente. Fazendo o papel de vítima, o pecador ignora ou minimiza a culpa inerente ao comportamento rebelde. É muito mais fácil dizer 'estou doente' do que 'eu pequei'. Mas isso não muda o fato de que a transgressão é uma ofensa muito séria contra um Deus santo, onisciente e onipresente.<sup>17</sup>

Mais adiante o mesmo autor conjectura que o problema do pecado, não sendo tratado como tal, gera consequências nefastas:

De uma perspectiva *bíblica*, esse tipo de conselho pode ser espiritualmente destrutivo. Ele falha ao indicar o verdadeiro problema da pecaminosidade humana. Ele alimenta as piores tendências da natureza humana e causa a forma mais catastrófica da negação - a negação da própria culpa. E, para a maioria, que não consegue livrar-se da culpa, na verdade a aumenta ainda mais por culpar outra pessoa que absolutamente

<sup>16</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no sermão do monte*. São Paulo: Fiel, 1984. p. 283.

<sup>17</sup> MACARTHUR JR, 2002, p. 24-25.

nada tem a ver com o caso. Rejeitar a culpabilidade nunca nos libertará do sentimento de culpa.<sup>18</sup>

O profeta Isaías declara ao povo de Israel, muito claramente, o que causa a quebra do relacionamento, conforme Isaías 59.2 - “As vossas maldades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados esconderam o seu rosto de vós, de modo que não vos ouve”. Vendo o contexto deste versículo, nota-se que no versículo anterior há a declaração da disposição de Deus em ajudar, em ouvir as petições de seu povo. Mas os pecados se interpõem. E nos versículos que se seguem são mencionados alguns dos males praticados pelo povo, que resultam não apenas no afastamento da presença de Deus, mas na quebra da harmonia entre o próprio povo, e a consequente derrota como nação de Deus (v. 9-15).

Collins, por sua vez, trata desta questão trazendo-a para o relacionamento interpessoal. Para o autor, existem alguns fatores que levam à quebra de relacionamentos, o que resume o pensamento do presente artigo, aplicado inclusive ao relacionamento entre os membros de uma igreja local:

1. **Atuação satânica** - ... de acordo com um estudioso da Bíblia, a ‘cobiça e as ambições egoístas das nações, a diplomacia enganadora do mundo político, o ódio acirrado e a rivalidade na esfera do comércio, as ideologias ímpias das massas da humanidade, tudo isto se origina e é fomentado pela influência satânica’. Num nível mais pessoal, Satanás ‘se interessa em conhecer todos os relacionamentos e projetos do crente, visando arruiná-los ou poluí-los. No cerne dos conflitos interpessoais, existe sempre a mão sutil e manipuladora de Satanás.

2. **Características pessoais, pensamentos e ações** - não existe ninguém perfeito, embora algumas pessoas tenham mais facilidade de se relacionar de que outras. A tensão interpessoal geralmente começa e aumenta com pessoas cujos traços de personalidade, pensamentos, opiniões, sentimentos, maneirismos e comportamento geram conflitos e desconfianças. ... a falta de perdão, o rancor e a imposição da própria vontade são pecado, mas podem ser evitados se a pessoa quiser.

3. **Padrões de conflito** - ao que parece, da mesma forma que cada pessoa tem uma personalidade característica, os indivíduos e grupos têm estilos de conflito que podem ser muito bem determinados. Isso favorece o conflito. ...

4. **Falta de compromisso** - muitas pessoas parecem ter medo de assumir compromissos. Pode haver muitas razões

<sup>18</sup> MACARTHUR JR, 2002, p. 30.

para os conflitos interpessoais, mas uma causa bastante comum é a falta de disposição em assumir compromissos e se manter fiel a eles. Mesmo quando as pessoas tentam evitar os compromissos, elas estão se comprometendo com alguma coisa, ainda que não queiram. Quando não nos comprometemos com outra pessoa, com alguma causa, ou com Deus, ou, então, quando não cumprimos uma promessa, estamos, na verdade, nos comprometendo com a solidão, a falta de intimidade, o fracasso na área pessoal e várias outras tensões e frustrações. ...

5. **Falha na comunicação** - a essência do bom relacionamento interpessoal é a boa comunicação. Quando a comunicação é deficiente ou está em vias de ser interrompida, surgem tensões interpessoais. Mas mesmo quando duas pessoas querem se comunicar, pode haver várias razões para o fracasso. ...

6. **Agravantes sociais** - eventos ou situações sociais podem impedir ou dificultar as boas relações interpessoais.<sup>19</sup>

As situações acima citadas, tanto o pecado como os fatores mencionados por Collins, podem desencadear em nível de Igreja situações com grandes proporções de desgaste nos relacionamentos, além de poder culminar na cisão da igreja local. Isto muitas vezes acontece quando não há a devida atenção aos sinais que indicam falhas no relacionamento.

### 2.3 Pecados que levam à quebra de relacionamentos

Em se tratando de igreja local, cuja fonte de orientação é a Bíblia, pode-se perceber alguns pecados que levam ao desentendimento e à ruptura de relacionamentos, os quais são recorrentes nos exemplos de vida de pessoas citadas na Bíblia e nas orientações à igreja.

O primeiro e principal pecado que foi semeado no coração do ser humano é o orgulho. Em Provérbios 26.28 há uma citação muito clara a respeito: “A língua falsa odeia a quem ela fere, e as palavras orgulhosas causam a ruína”. Uma referência à convivência interpessoal. Na mesma linha de pensamento, o apóstolo Paulo adverte em Romanos 12.16: “Sede unânimes entre vós. Não sejais orgulhosos, mas prontos a acompanhar os humildes. Não sejais sábios aos vossos próprios olhos”. Comentando este verso, Adolf Pohl faz a seguinte referência: “Naturalmente ele (*Paulo*) conhece as diferenças de opinião nas igrejas. Elas são algo normal enquanto estiverem sob controle”.<sup>20</sup> É justamente quando as diferenças de opiniões “sobem à cabeça” que elas

<sup>19</sup> COLLINS, 2004, p. 272-276.

<sup>20</sup> POHL, Adolf. *Carta aos Romanos*. Curitiba: Esperança, 1999. p. 125.

geram desavenças. Ainda em Gálatas 5.26, Paulo retoma o assunto e se coloca como integrante da Igreja, posicionando-se como alguém que também está sujeito à mesma tentação, quando adverte: “Não nos tornemos orgulhosos, provocando-nos uns aos outros e tendo inveja uns dos outros”.

Um segundo pecado presente no meio da igreja e que é motivo e fonte de rompimento de relacionamentos é o egoísmo. Contrastando com a humildade de Jesus, demonstrada ao deixar os céus, vindo habitar no meio da humanidade, Paulo exorta a igreja com as seguintes palavras: “Não façais nada por rivalidade nem por orgulho, mas com humildade, e assim cada um considere os outros superiores a si mesmo. Cada um não se preocupe somente com o que é seu, mas também com o que é dos outros” (Filipenses 2.3-4). Evidentemente não aparece no texto a palavra “egoísmo”, porém, percebe-se que é este o assunto tratado. Quando um ou outro irmão, ou mesmo um grupo de irmãos, se levanta para defender apenas os seus posicionamentos, desconsiderando os demais, em uma clara atitude de altivez, surge o rompimento dos laços fraternais.

Uma característica de relacionamento que vem a se tornar pecaminosa, pelo fato de interromper a saudável convivência entre as pessoas, é o descumprimento das regras básicas da vida familiar. A literatura em geral pouco aventa este assunto como causador de dificuldades na vida eclesial. Porém, ao longo dos anos de ministério pastoral, tem sido recorrente o fato de que quando uma família, em especial começando pelo casal, não convive bem, os reflexos são sentidos na igreja. Os vários textos do Novo Testamento que abordam a questão familiar e diversos exemplos de vida registrados no Velho Testamento confirmam isto. Verifique-se a história dos filhos de Eli, por exemplo. Uma passagem neotestamentária que merece atenção aqui é a de 1 Pedro 3.1-7, na qual o apóstolo exorta sobre a boa convivência do casal, chegando ao ponto de dizer que quando o marido não leva uma vida adequada junto com a sua esposa “as vossas orações não sejam impedidas” (v. 7). Uwe Holmer comenta:

É preciso evitar tudo o que impede a oração. Orar não é primordialmente uma questão de vontade. Uma oração mantida com forte determinação pode levar à dubiedade e à hipocrisia, quando não for condizente com a vida. Em última análise a oração é ação do Espírito Santo (Rm 8.15). Por isso a expressão não impedir as orações é idêntica ao que Paulo declara em Ef 4.30: não entristeçais o Espírito Santo. Também aqui se evidencia novamente a perspectiva do direcionamento para Deus (cf. v. 4s). Tudo depende de que se ore. Quando cessam as orações ou quando são tão tolhidas que se resumem

a mera formalidade, a vida espiritual e também o matrimônio correm perigo. O plural orações seguramente visa expressar a grande variedade das orações no matrimônio. A oração conjunta constitui um estímulo vigoroso à palavra franca, ao perdão e à reverência mútua no matrimônio.<sup>21</sup>

Desta forma, especialmente quando não vai bem o casamento do líder da igreja, seja ele pastor ou outro, isso influencia diretamente a vida da Igreja. Merece, então, a atenção de todo membro de igreja para a conduta pessoal, quanto à postura diante do pecado, das causas que podem levar ao rompimento das relações, assim como quanto à vida familiar. Viver dentro dos padrões bíblicos trará resultados compensadores para dentro da igreja.

Diante do exposto é possível apontar várias consequências de relacionamentos quebrados na Igreja. Primeiramente a falta de resposta às orações. Como já mencionado, a vida de oração é determinada pela intensidade da atuação do Espírito Santo na vida do crente. Quando este é abafado (conforme o apóstolo Paulo), as orações são interrompidas. Sendo estas escassas, há falta de poder para atuação da igreja em todas as suas áreas ministeriais. Em seguida, vem a fraqueza espiritual. Não havendo oração, não há como ser suprido espiritualmente. O apóstolo Paulo chama a atenção dos cristãos da Galácia porque se voltaram aos costumes antigos, praticados antes da conversão, e isto como resultado da falta de exercício espiritual. O texto diz: “Agora, porém, que já conheceis a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por ele, como podeis voltar para esses princípios elementares fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4.9).

O Senhor Jesus aponta outra consequência da quebra dos relacionamentos na igreja, e esta não apenas se reflete internamente, mas também para a comunidade externa. Jesus diz: “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13.34,35). Se o amor interpessoal não é praticado pelos membros da Igreja, ou seja, quando as exortações bíblicas não são levadas a sério,<sup>22</sup> o testemunho da igreja em direção à comunidade na qual está inserida é afetado negativamente, e conseqüentemente o evangelho é esvaziado e o nome de Jesus desonrado.

Neste ponto se torna mister apontar para o rumo que é a solução de grande parte, senão de todos os entraves nos relacionamentos fragmentados ou rompidos.

<sup>21</sup>HOLMER, Uwe. *Primeira carta de Pedro*. Curitiba: Esperança, 2008. p. 47.

<sup>22</sup>COLLINS, 2004, p. 271.

### 3. CONCEITUANDO PERDÃO

Há entre o povo em geral um dito muito conhecido que diz: “Quem perdoa esquece”. Porém, constantemente as pessoas trazem à tona fatos, acontecimentos, mágoas e pecados cometidos por outros contra elas, ou os próprios contra si mesmos. Como lidar com esta situação, sabendo que o cérebro humano é capaz de reter informações ao longo dos anos, podendo voltar a elas sem, ou com um pouco, de esforço? A Bíblia afirma: “Tornará a ter compaixão de nós; pisará as nossas maldades. Tu lançarás todos os nossos pecados nas profundezas do mar” (Miqueias 7.19). O sentido principal está no fato de os pecados serem lançados num lugar inatingível, ou algo como, onde jamais tornarão a incomodar alguém.

Por outro lado, voltando para a passagem de Isaías 59.2, na qual os pecados são apontados como uma barreira que se levanta entre o povo e o seu Deus, entende-se que para que haja uma restauração no relacionamento será necessário tirar este obstáculo, remover o impedimento que se interpõe entre um e outro; seja isto no relacionamento com Deus, seja em nível interpessoal. Esta ação é o conceder ou receber o perdão. Os termos bíblicos, portanto, utilizados para isto são “justificar” e “reconciliar”.<sup>23</sup>

#### 3.1 Deus em busca do homem pecador

Os versos 8 e 9 de Gênesis 3 registram: “Ao ouvirem a voz do SENHOR Deus, que andava pelo jardim no final da tarde, o homem e sua mulher esconderam-se da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: Onde estás?” Bräumer comenta: “Deus vai atrás do homem em seu esconderijo. A consciência afasta o homem de Deus, para um esconderijo seguro. Mas Deus vai atrás. Ele é Deus, o seu criador, que sendo Deus como o é, seu salvador, procura o perdido”.<sup>24</sup> Adiante cita: “O homem deve dar resposta a Deus por aquilo que ele fez. Adão precisa verbalizar o que aconteceu. O próprio Deus, com as suas perguntas subsequentes, torna Adão consciente daquilo que fez, e o capacita a responsabilizar-se”.<sup>25</sup>

Vorländer o expressa da seguinte maneira: “Assim como o fato de o homem ser pecador destruiu o seu relacionamento com Deus, assim também o perdão toma o lugar central na proclamação cristã, como meio através do qual se restaura este

<sup>23</sup> VORLÄNDER, H. In: BROWN, Colin (Edit.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989. v. III, p. 528.

<sup>24</sup> BRÄUMER, 1983, p. 91.

<sup>25</sup> BRÄUMER, 1983, p. 91.

relacionamento. Consta como ação de Deus diante do comportamento pecaminoso do homem, e baseia-se em Cristo”.<sup>26</sup>

Segundo Collins, o restabelecimento das relações interpessoais está baseado naquilo que Jesus realizou. Ele diz: “Boas relações interpessoais começam com Jesus Cristo. Durante seu ministério, ele previu que haveria tensão entre os seus seguidores e parentes e os incrédulos, mas a Bíblia diz que ele é ‘a nossa paz’ e pode derrubar as barreiras interpessoais e as muralhas de hostilidade que separam as pessoas”. Depois continua, quando afirma: “A paz com Deus vem quando confessamos nossos pecados, pedimos a ele que assuma o controle da nossa vida e esperamos que ele nos dê a paz que a Palavra de Deus nos promete. Essa paz, por sua vez, deveria nos acalmar nos momentos de tensão interpessoal”.<sup>27</sup>

O reconhecimento da ação de Deus na vida do ser humano, concedendo o perdão, é a aceitação do amor de Deus para com o pecador. MacArthur afirma:

Tanto quanto odeia o pecado, Deus ama os pecadores. Em contraste com o sombrio pano de fundo do nosso pecado, a graça de Deus se torna ainda mais maravilhosa. A passagem mais conhecida da Bíblia é João 3:16. Sem um entendimento da perversidade do nosso pecado, porém, não seremos capazes de assimilar o tremendo significado deste versículo: ‘Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna’.<sup>28</sup>

Portanto, a sublime mensagem do perdão de Deus, em Jesus Cristo, ainda hoje é a resposta para a pecaminosidade do homem. A resposta deste para Deus é a fé, pela aceitação do sacrifício de Cristo na cruz, o que lhe proporciona uma nova vida.

### 3.2 O homem pecador perdoado na comunidade da Igreja local

Tendo sido aceito por Deus por meio do perdão oferecido em Cristo Jesus, o homem se torna uma nova criatura. Lloyd-Jones, citado por MacArthur, diz:

Todo aquele que nele crê e o recebe, obtém esta nova natureza, e como resultado todas as coisas se tornam diferentes. Aqueles que odiavam a Deus, agora o amam e desejam saber mais sobre ele. Agora o seu supremo desejo é agradá-lo, honrá-lo, e glorificá-lo. As coisas que antigamente lhe davam prazer, agora ela as odeia e as detesta; e os caminhos de Deus são os seus desejos.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> VORLÄNDER, 1989, p. 528-529.

<sup>27</sup> COLLINS, 2004, p. 271.

<sup>28</sup> MACARTHUR JR, 2002, p. III.

<sup>29</sup> MACARTHUR, 2002, p. 110.



Como tratar esta questão em nível de igreja local? Como pode o crente manter a alegria de sua salvação diante de sua própria limitação ainda que resgatado por Cristo, ou com relação aos sentimentos negativos causados por outro irmão?

Para poder vivenciar o perdão em sua plenitude, é necessário que se entenda o que Cristo fez em favor de cada um. Em Colossenses 2.14 Paulo fala que Jesus, “apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz”. Barclay comenta este texto dando destaque para a palavra “apagando”:

Nos tempos do NT, os documentos eram escritos em papiro. A tinta era feita de fuligem misturada com goma e diluída na água. A característica desta tinta é que não contém ácido e, portanto, não penetra no papel. Tem muita durabilidade e mantém a sua cor, mas se, logo depois de escrever, uma esponja molhada for passada pela superfície do papiro, a escrita pode ser apagada pelo contato da esponja, tão completamente como a escrita em giz pode ser apagada da lousa. Ora, o que há de interessante é o seguinte - uma palavra mais comum para cancelar uma certidão de dívida era *chiazein*. *Chiazein* significa escrever a letra grega chi, que tinha a forma do X maiúsculo, atravessando o documento inteiro. Paulo não diz que Jesus Cristo ‘riscou’ (*chiazein*) o registro de nossa dívida; diz que ele apagou (*exaleiphein*). Se você ‘riscar’ uma coisa, por baixo da marca da cruz o registro permanece visível para qualquer pessoa ler, mas se você ‘apagar’, o registro desaparece para sempre. Deus, por amor a Jesus, não somente ‘riscou’ a nossa dívida, mas também a ‘apagou’.<sup>30</sup>

A compreensão deste conceito coloca o membro da igreja numa condição de total rendição diante de Deus, e, igualmente, diante dos demais membros da comunidade. Todos os argumentos que pudesse levantar contra alguém, tentando justificar o seu não perdão, são esvaziados por aquilo que Jesus Cristo fez em seu favor na cruz. Da forma como o “apagar” de sua própria dívida o liberta diante de Deus, assim o perdão liberta ao irmão que, arrependido, confessa o seu pecado e almeja o perdão.

O apóstolo Paulo chancela esta questão ao afirmar em Efésios 4.32: “Pelo contrário, sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoando uns aos outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo”. E repete o mesmo argumento em Colossenses 3.13: “Suportando e perdoando uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai”.

A ênfase nos dois trechos recai sobre a expressão “assim como”: da mesma forma

<sup>30</sup> BARCLAY, William. *Palavras-chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1985. p. 81-82.

como o Senhor Jesus perdoou, perdoa! A este respeito, de Boor comenta:

Traduzir o *kathos* da breve justificativa por ‘assim como’ é um pouco fraco. O termo tem uma conotação de ‘em correlação ao que’, e até mesmo de ‘em virtude de que’. Desse modo se expressa uma justificativa não de princípio teórico, mas de grande eficácia prática. É verdadeiramente santificado quem consegue perdoar. Quando, porém, será capaz disso? Não quando tenta se obrigar a isso, não quando se torna um santo vaidoso com toda sorte de artes ascéticas, mas com certeza quando a própria pessoa experimenta poderosamente o perdão de seu Senhor e se situa todos os dias dentro dessa experiência.<sup>31</sup>

Diante deste ensinamento, torna-se altamente relevante a questão de haver no meio da comunidade cristã, especialmente na igreja local, o ensino bem como a prática do perdão. De fato, inexistem argumentos que justifiquem a não concessão de perdão entre os seus pares. Viver em comunidade cristã é experimentar a liberdade que Jesus oferece, liberdade esta que não leva a uma superficialidade de relacionamentos, desconsiderando os erros, mas sim confessando e mutuamente estimulando para a pureza de vida.

#### 4. RELEVÂNCIA DO PERDÃO PARA A COMUNIDADE CRISTÃ

Em Amós 3.3 se lê: “Por acaso andarão duas pessoas juntas, se não estiverem de acordo?” Esta é uma verdade deveras esquecida em muitas situações da igreja local. Pessoas assistem ao mesmo culto; estão na mesma programação, mas uma de um lado do templo e outra do outro. Se veem, se percebem, mas não se cumprimentam, não se falam, não querem saber uma da outra. A razão não é porque são desconhecidas; pelo contrário, já viveram intensamente juntas, porém, em algum momento, por uma palavra, um gesto, um pecado, uma mágoa ou algo semelhante, se distanciaram. Tornaram-se inclusive desafetos. Posições diferentes são possíveis e não necessariamente razões para separação. Evidentemente, a prática do perdão deixou de acontecer. Para que uma igreja local possa desenvolver o seu ministério, faz-se necessário viver o que a Bíblia ensina sobre perdão.

##### 4.1 Identidade com Cristo

O objetivo primordial da missão de Jesus nesta terra foi o de manifestar o perdão de Deus ao ser humano. Esta mensagem perpassa todo o seu ministério.

<sup>31</sup>BOOR, Werner de. Carta aos Colossenses. Curitiba: Esperança, 2006. p. 58-59.

Por exemplo, antes de realizar uma cura, Jesus estendia o perdão dos pecados ao enfermo (Mateus 9.1ss e paralelos). Quando é compreendido o quanto Deus perdoou, é compreendido o quanto se faz necessário estender ao outro o perdão também. Este ensino está presente na parábola contada pelo Mestre em Mateus 18.21-35: o que havia sido perdoado de uma dívida impagável não perdoa uma dívida pequena de seu conserto. Nesta parábola Jesus menciona a palavra “compaixão”. Esta atitude, muitas vezes demonstrada e vivida por Jesus, orienta o que precede o perdão. Em Marcos 6.34 se lê: “Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão dela, pois eram como ovelhas que não têm pastor”. É poder ver o outro como alguém necessitado de algo (no caso, o perdão).

O apóstolo Paulo coloca a questão de uma forma muito prática. Em 1 Coríntios 11.1 (e em outros textos) ele desafia a Igreja, dizendo: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”. Werner de Boor comenta:

Todo o comportamento coloca em jogo a execução concreta de uma determinada ‘atitude’, o cristão precisa do ‘exemplo’ vivo. Ao alpinista sem treino pouco adiantam livros e instruções gerais. Passo a passo e movimento por movimento ele precisa poder imitar o guia experiente, aprendendo assim a superar pessoalmente a tarefa.

Paulo não solicita: ‘Sede imitadores de Cristo’ diretamente aos cristãos de Corinto. Isso é digno de nota para nós, que rapidamente apelamos à *imitatio Christi*, à ‘imitação de Cristo’. Nesse caso Paulo, portanto, considerou necessário algo como um ‘trabalho de tradução’ que mostrasse aos cristãos das outras nações como se configura hoje o caminho de Jesus numa cidade grega. Paulo realizava essa ‘tradução’ em sua própria vida.<sup>32</sup>

E depois continua:

Não se trata de uma imitação artificial de Jesus, não de uma adaptação a palavras ou atos isolados dele. Isso tão somente produziria uma caricatura. Pelo contrário, trata-se da mente do Cristo, que nós temos pelo Espírito Santo (1Co 2.16), aquela mentalidade básica que não visa reter nada como uma usurpação, mas que pode se despojar e assumir a forma de servo, a fim de servir aos outros e ajudá-los a alcançar a salvação.<sup>33</sup>

Em outras palavras, para que a Igreja, em particular cada membro, possa dizer

<sup>32</sup>BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Curitiba: Esperança, 2004. p. 86.

<sup>33</sup>BOOR, 2004, p. 86.

que ama e segue a Jesus Cristo é preciso que tenha atitudes que demonstram isso, e a maneira mais clara é por meio do perdão!

## 4.2 Coerência da pregação

Relacionado com a necessidade de ser “imitador de Cristo” está a pregação da Igreja - a mensagem que ela está transmitindo ao mundo. Jorge Barna expressa isto da seguinte maneira:

A mensagem transmitida pela igreja não deve ser apenas interessante e útil, mas também um reflexo preciso da Palavra de Deus em nós. Uma igreja que confunde a verdade bíblica com meras observações pessoais sujeita-se a incidentes de errônea interpretação, confusão e reações mal orientadas.<sup>34</sup>

É justamente na questão dos relacionamentos quebrados e feridos que a mensagem entregue ao mundo tem causado confusão. A igreja prega o perdão de Cristo ao ser humano, mas justamente quando este recebe o perdão não consegue perdoar o que está com ele no caminho ao céu. Barna acrescenta: “as pessoas deixam-se atrair por organizações cujo produto ou serviços são providos nos mais altos níveis de qualidade. Visto que a igreja tem sido chamada para apresentar Deus aos olhos do mundo, deveríamos refletir as excelências do Senhor em tudo quanto fazemos”,<sup>35</sup> concluindo em seguida:

Algumas vezes, as igrejas enviam sinais confusos àqueles que estão envolvidos em seu ministério. Uma igreja que precise estar ligada com sua gente, e ter certeza de estar apoiando o crescimento pessoal dela, deve ter uma noção clara daquilo em que acredita, como transmitir eficaz e coerentemente essas crenças e como viver em harmonia com a mensagem que ela tem anunciado.<sup>36</sup>

Em seu livro *A Igreja que você sempre quis*, Glenn Wagner relata a experiência que teve numa conversa com alguém por quem nutria grande respeito. Isto porque em suas conversas esta pessoa tinha as respostas para tudo e geralmente baseadas na Bíblia. Mas nem tudo estava bem. Ele descreve:

Assim, um dia fui conversar com meu herói. Quando comecei a falar de reconciliação e perdão, sua face foi se tornando cada vez mais ruborizada. Eu estava nervoso demais para perceber isso no início, mas, quando finalmente olhei para o rosto dele, pensei que ele estava a ponto de explodir. E, de certa maneira,

<sup>34</sup> BARNA, George. *Igrejas amigáveis e acolhedoras*. São Paulo: Abba Press, 1995. p. 63-64.

<sup>35</sup> BARNA, 1995, p. 64.

<sup>36</sup> BARNA, 1995, p. 64.

ele o fez. Ele ficou em pé e exclamou: 'Glenn, como você se atreve a citar textos bíblicos para mim! Eu sei mais da Bíblia do que você jamais saberá!'. Ficou claro para mim que esse 'gênio' em matéria de Bíblia não tinha intenção de vivenciar o que ele conhecia da Palavra. Arrasado, baixei a cabeça e fui embora.<sup>37</sup>

Este episódio resume bem o quanto é importante haver coerência entre a mensagem pregada e a vida do crente. Os maiores esforços evangelísticos não terão sucesso se o testemunho cristão não estiver à altura da mensagem de Deus. Ray C. Stedmann diz:

A igreja primitiva confiava num testemunho duplo, como um meio de alcançar e imprimir sobre um mundo cínico e descrente o *kerygma* (proclamação) e a *koinonia* (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou o seu testemunho tão poderoso e eficiente. Os pagãos poderiam desfazer facilmente a proclamação, como simplesmente mais uma 'doutrina' entre muitas; mas eles viram que é muito mais difícil rejeitar a evidência da *koinonia*.<sup>38</sup>

Para que haja *koinonia* os relacionamentos têm de estar saudáveis.

### 4.3 Saúde espiritual e emocional

A Igreja de Jesus Cristo é uma comunidade de fé que leva o nome de seu Senhor adiante e já é vencedora. Este conceito pode ser maculado quando os relacionamentos estão feridos e uma enfermidade se instala no seio da Igreja, por falta de perdão. Deus deseja um corpo saudável. O conceito de corpo é recorrente no Novo Testamento e expressa o quanto a convivência influencia a vida, não apenas espiritual, mas a saúde em geral de seus membros. Paulo, o apóstolo, diz: "Nele (*Cristo*) o corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta atuação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo no amor" (Efésios 4.16).

Hernandes Dias Lopes, baseado na experiência do povo de Israel em Jericó e Ai, relata o seguinte:

Israel havia vencido miraculosamente a poderosa e inexpugnável cidade de Jericó. As muralhas intransponíveis tinham caído. Os inimigos de Israel estavam desmaiados. Israel era um povo imbatível, porque Deus pelejava por ele.

<sup>37</sup> WAGNER, Glenn. *A igreja que você sempre quis*. Tradução de Jansen Haroldo. São Paulo: Vida, 2009. p. 231-232.

<sup>38</sup> STEDMANN, 1981, p. 107.

Mas quando Acã pecou, a situação reverteu-se. Os valentes de Israel fugiram derrotados, com o coração derretido de medo, diante da pequena cidade de Ai. Ai significa ruína. Israel, príncipe de Deus, foi vencido pela ruína, por causa do pecado. Quando há pecado na Igreja, o inimigo prevalece contra ela. Aquela que é vencedora, torna-se vencida; que é a luz do mundo, perde o brilho; que é sal da terra, perde o sabor e é pisada pelos homens. Aquela que outrora recebeu poder, agora desmaia diante do inimigo.<sup>39</sup>

Por meio da confissão e perdão do pecado, os relacionamentos são sarados. Davi, o Rei, fala que “Enquanto me calei, meus ossos se consumiam de tanto gemer o dia todo” (Salmo 32.3). De forma semelhante, a saúde da Igreja desfalece enquanto não há perdão. Neste sentido Tiago afirma: “Portanto, confessai vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros para serdes curados” (Tiago 5.16). Mas além do estado espiritual, o lado emocional também é afetado. Collins diz:

Psicologicamente, relações interpessoais ruins podem desencadear quase todas as reações emocionais do ser humano, e as ações de pessoas em conflito podem variar desde uma pequena inclinação para o corpo mole até o assassinato. Quando existe tensão, os indivíduos podem se sentir deprimidos, culpados, humilhados, inseguros, ansiosos. Em alguns casos, a situação gera raiva, rancor, cinismo e tentativas de dominar, manipular ou revidar. Quando as pessoas se sentem ameaçadas ou frustradas em suas tentativas de conviver bem com os outros, elas nem sempre conseguem raciocinar com clareza. Por causa disso, acabam dizendo ou fazendo coisas de que vão se arrepender mais tarde.<sup>40</sup>

Isto posto, percebe-se o quanto é importante promover um inter-relacionamento saudável e maduro na igreja. Ainda Collins: “Os efeitos físicos do estresse e da tensão interpessoal são bem conhecidos. Fadiga, músculos tensos, dores de cabeça, problemas estomacais, úlceras e várias outras reações biológicas se desenvolvem, principalmente quando as tensões são negadas ou escondidas”.<sup>41</sup> Por isso a orientação de Jesus em Lucas 17.3 “Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe”. Igrejas feridas, membros feridos, podem experimentar a cura por meio do perdão. Acontecendo isto, o corpo crescerá e ganhará outros para o perdão em Cristo Jesus.

<sup>39</sup> LOPES, 1994, p. 40-41.

<sup>40</sup> COLLINS, 2004, p. 276-277.

<sup>41</sup> COLLINS, 2004, p. 276.

#### 4.4 Aplicação do ensino do perdão a relacionamentos rompidos na comunidade cristã

A exposição dos fatos até aqui ressaltam que os relacionamentos rompidos ou fragilizados na igreja levam à enfermidade espiritual, emocional e física inclusive. Collins afirma o seguinte: “Num sentido amplo, portanto, toda tensão interpessoal é um resultado e um reflexo do pecado. Quando as pessoas estão separadas de Deus, ou umas das outras, não são capazes de amadurecer emocional e espiritualmente”.<sup>42</sup>

Qual é o caminho a seguir, então? Collins levanta algumas áreas que podem ser trabalhadas para a recuperação de relacionamentos rompidos:

1 - Começando com o básico. O amor raramente é mencionado na literatura sobre aconselhamento, mas é um tema dominante no Novo Testamento. Foi o amor que motivou Deus a enviar o seu filho ao mundo para morrer pelas almas perdidas. O amor é considerado o maior de todos os atributos, e é tão crucial no cristianismo que se torna a marca registrada dos crentes.<sup>43</sup>

Portanto, quando compreender o amor de Deus em sua vida o crente poderá vencer a barreira que o impede de chegar ao outro e estender a ele o perdão. A motivação é o amor recebido de Cristo.

Em seguida, Collins apresenta a segunda área a ser trabalhada:

2 - Transformando o indivíduo. Como os conflitos interpessoais geralmente são resultado das características, atitudes e ações irritantes das pessoas, pode ser muito produtivo trabalhar para mudar o indivíduo. O conselheiro cristão sabe que as mudanças mais fundamentais e duradouras nos indivíduos vêm de Deus. Um relacionamento constante e crescente com Jesus Cristo pode ajudar a quebrar as barreiras com as pessoas e ajudá-los a se livrarem do rancor e insensibilidade que separa os indivíduos, contribuindo assim para que haja paz e unidade.<sup>44</sup>

E acrescenta o terceiro ponto:

3 - Modelando bons relacionamentos. Alguns nunca tiveram a experiência do respeito mútuo ou de um bom relacionamento com outra pessoa. A relação entre conselheiro e aconselhando pode ser, portanto, um modelo de atenção, respeito e interação positiva.<sup>45</sup>

E por último, “4 - Ensinando a resolver conflitos. É possível ajudar as pessoas a

<sup>42</sup> COLLINS, 2004, p. 277.

<sup>43</sup> COLLINS, 2004, p. 277.

<sup>44</sup> COLLINS, 2004, p. 278.

<sup>45</sup> COLLINS, 2004, p. 278.

encararem os conflitos como diferenças sinceras, que podem ser resolvidas quando as pessoas estão dispostas a tratar uma a outra com respeito e confrontar-se com a verdade de uma forma amorosa".<sup>46</sup> Por fim, Collins faz o seguinte comentário:

Não é fácil seguir as diretrizes bíblicas para a vida em sociedade. Perdoar setenta vezes sete, dar a outra face, pagar o mal com o bem, orar pelos que nos perseguem - essas e outras orientações são difíceis de seguir na sociedade atual. No entanto o crente deve procurar seguir as normas bíblicas, mesmo que seja difícil.<sup>47</sup>

O desafio está posto! Vivemos, de fato, numa sociedade marcada pelas desavenças e os relacionamentos rompidos. A Igreja, porém, está diante do desafio e da missão deixada pelo Senhor Jesus, de levar esta mensagem de perdão ao mundo, e apenas poderá fazer isto praticando-o entre os seus membros.

## CONCLUSÃO

Ser sal e luz do mundo é a tarefa da Igreja. Dar sabor a uma sociedade que não tem real prazer em viver; está sem esperança e a cada dia que passa tem mais e mais pessoas sofrendo por falta de saber como viver. A Igreja tem a mensagem de esperança, que é a mensagem de restauração do relacionamento com Deus e com os outros por intermédio de Cristo Jesus.

A igreja é luz numa sociedade que não tem rumo e está se perdendo por falta de orientação. Ser luz no mundo é refletir a graça de Jesus Cristo, por meio da condução das pessoas à cruz, onde todos são expostos assim como estão, ou seja, em pecado. Mas esta mesma luz é que vai indicar o caminho do perdão e da cura de todos os males, inclusive de relacionamentos quebrados.

O entendimento do grande amor de Deus para cada um, neste caso em especial por parte do crente, o tornará sensível a ponto de compadecer-se de seu próximo e levar a ele o perdão. Quando isto acontece no meio da igreja, o mundo compreenderá com mais facilidade o plano amoroso de salvação em Cristo que é anunciado por meio da proclamação da Palavra.

Que a graça de Jesus Cristo seja derramada abundantemente e de forma renovada sobre a Igreja, a fim de que haja esta compreensão e o amor de Deus chegue aos corações ainda carentes deste amor! Sem distinção e discriminação de pessoas.

<sup>46</sup> COLLINS, 2004, p. 279.

<sup>47</sup> COLLINS, 2004, p. 280.



## REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. *Johannes Evangelium*. Wuppertal: Aussaat Verlag, 1970.

\_\_\_\_\_. *Palavras-chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BARNA, George. *Igrejas amigáveis e acolhedoras*. São Paulo: Abba Press, 1995.

BOOR, Werner de. *Carta aos Colossenses*. Curitiba: Esperança, 2006. (Comentário Esperança).

\_\_\_\_\_. *Carta aos Coríntios*. Curitiba: Esperança, 2004. (Comentário Esperança).

\_\_\_\_\_. *Das Evangelium des Johannes*. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1977.

BRÄUMER, Hansjörg. *Das Erste Buch Mose*. Wuppertal: Brockhaus Verlag, 1983. v. I.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

HOLMER, Uwe. *Primeira carta de Pedro*. Curitiba: Esperança, 2008. (Comentário Esperança).

LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no sermão do monte*. São Paulo: Fiel, 1984.

MACARTHUR JR, John. *Sociedade sem pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

POHL, Adolf. *Carta aos Romanos*. Curitiba: Esperança, 1999. (Comentário Esperança).

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Curitiba: Esperança, 1998. (Comentário Esperança).

SCHWARZ, Christian. *Der Liebe-Lern-Prozes*. Emmelsbüll (Alemanha): C&P Verlag, 1993.

VORLÄNDER, H. In: BROWN, Colin (Edit.). **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. v. III.

WAGNER, Glenn. **A igreja que você sempre quis**. Tradução de Jansen Haroldo. São Paulo: Vida, 2009.